

CONCLUSÃO

Ao iniciar esta conclusão, assumida pela equipa responsável por este relatório sobre o Curso de licenciatura em Ensino Básico-1ºCiclo como uma reflexão crítica, torna-se importante diferenciar o processo e o produto que esta representa. Como processo, a elaboração desta avaliação constituiu-se, no seio da coordenação do curso, como um instrumento de regulação do mesmo, extremamente motivador e rico pela possibilidade que representou de agregar docentes e formandos em torno da explicitação e análise das suas práticas e concepções. Como produto constitui um documento essencial para promover uma reflexão em torno do curso. Num primeiro momento a nível dos diferentes departamentos e posteriormente no Conselho Científico, com o objectivo de encontrar soluções consensuais para uma melhoria efectiva da formação oferecida.

A ESE de Setúbal tem-se assumido como uma organização “à escuta do mundo”, um lugar em que se procura criar um projecto global de formação, que longe de ser artificialmente consensual, é resultado da conflitualidade e da negociação, enriquecido por diferentes visões sociais e políticas do mundo. Assim, o projecto de formação deste curso é necessariamente situado num contexto organizacional, numa cultura que valoriza os processos de inovação e a capacidade de correr riscos, permeando as práticas de quem aqui se assume como professor. O reconhecimento das fragilidades ao nível da formação que se desenvolve, por um lado sempre se soube integrar a um nível macro social, ou seja, também como um resultado dos problemas que têm afectado a formação de professores em Portugal e que, por vezes, condicionaram em grande medida as práticas e projectos que se podiam efectivamente desenvolver. Mas, por outro lado, também foi possível encontrar nas fragilidades internas a força para mobilizar saberes e vontades em torno de novos projectos, pois considera-se que, como refere Canário a "produção das práticas profissionais é atravessada não apenas por uma dimensão biográfica (factores individuais), mas também por uma dimensão contextual (factores organizacionais)"(Canário, 2001).

De facto, o projecto de formação deste curso é um reflexo da capacidade organizacional de analisar as dificuldades e limitações que ocorriam na formação anteriormente implementada, de proceder a uma leitura crítica dos saberes disponíveis na comunidade científica acerca da formação, integrando-os num processo de mudança. Assim, se explica o delineamento de um projecto de formação, que ao nível das instituições portuguesas de formação, foi de certo modo pioneiro, visto se organizar em torno de competências profissionais. Construiu-se assim, na e pela prática (pela reflexão sobre a prática), saber sobre a construção de um currículo baseado em competências e sobre a efectiva possibilidade de valorizar a dimensão da formação em contexto, bem como a dimensão reflexiva como eixos estruturantes da profissão e necessariamente do perfil do professor do 1º Ciclo a formar nesta instituição. De

salientar que esta definição ocorreu num contexto histórico (1997) em que não existia um perfil definido legalmente, nem um pensamento tão consensual como actualmente sobre a necessidade de criar um "*projecto de formação*", integrador das competências num perfil de desempenho, só possível de criar através de uma outra interacção entre saberes profissionais e científicos. O orgulho sentido face ao projecto criado julga-se ser justificado. Isso não impede que se tenha consciência de que o que ontem foi inovador hoje poderá não o ser e que qualquer projecto se tem necessariamente que rever à luz dos novos desafios e saberes e, sobretudo, da avaliação das práticas que vão concretizando o projecto de formação delineado. De qualquer forma, analisando actualmente o perfil de competências profissionais dos docentes e mais especificamente dos docentes do 1º ciclo que se construiu e comparando-o com o perfil legalmente definido, infere-se mais convergência do que divergência. Convergência quer ao nível das competências entendidas como necessárias para um exercício profissional consciente, responsável e reflexivo, quer ao nível das dimensões da acção profissional consideradas. Dois aspectos são, contudo, de realçar. Primeiro, o de considerar o perfil mais como uma matriz que informa o processo de formação, à qual é possível efectuar diferentes aproximações, do que como um ponto de chegada, o que levaria a considerá-lo como uma espécie de "uniforme" necessariamente igual para todos e, portanto, pouco adaptado à diversidade das pessoas e das situações. O perfil de competências é, nesta instituição, entendido mais como um roteiro do que como um manual. Por isso, embora, por exemplo, não se explicita autonomamente a "dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade" ou a "dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida", sabe-se que essas dimensões não só são valorizadas na formação desenvolvida como fazem parte das práticas organizacionais. Curiosamente, apesar do plano de estudos constituir, na medida do que foi possível, o desenvolvimento através de unidades curriculares, do conjunto de competências incluídas no perfil, é também revelador dos princípios de formação e da cultura da instituição. De facto através do plano de estudos (ver ponto 4.1), evidencia-se a valorização aqui conferida, às componentes de formação cultural, social e ética e de iniciação à prática profissional. Esta valorização é reconhecida pelos formandos quando afirmam que nesta instituição se "valorizam as relações pessoais" e que é muito positivo que "ao longo do curso existam vários momentos de estágio que permitem um conhecimento prático das escolas do 1º ciclo do Ensino Básico". Contudo, a valorização destas componentes, como se poderá verificar pelo plano de estudos, não corresponde neste curso a uma escassa componente científica, pois não se partilha da ideia de que para os níveis de ensino menos elevados, a função docente está menos associada ao domínio científico e mais ao pedagógico. Pelo contrário, partilha-se da opinião de Roldão (2001) de que este paradigma legitimou por muitas décadas a baixa formação científica de professores e educadores de infância.

Se relativamente ao projecto de formação enunciado, se tem consciência de que é necessário analisá-lo com vista a reformular algumas competências e a incluir outras, é ao nível do projecto implementado que mais indicações se obtiveram com vista a uma eventual mudança. Os contributos deste processo de avaliação permitem-nos identificar os seus pontos fortes e as suas fragilidades.

Como aspectos considerados positivos salientamos:

- ? o funcionamento do tronco comum. Nenhuma UC tem uma avaliação negativa;
- ? as metodologias de acção pedagógica e acompanhamento;
- ? a divulgação das informações sobre o funcionamento do curso;
- ? os recursos e equipamentos existentes;
- ? a avaliação das áreas científicas intervenientes no curso: Ciências da Educação, Matemática e Ciências, seguindo-se a Língua Portuguesa e Expressões Artísticas e Educação Física;
- ? a ligação do curso à vida “real”.

Os aspectos considerados menos positivos e que seguidamente se referem, constituem um estímulo à mudança.

Relativamente à relação com as instituições cooperantes e orientadores:

- ? envolvimento das escolas cooperantes em programas conjuntos de investigação no âmbito da educação e do ensino que impliquem maior participação dos docentes e formandos;
- ? investimento numa maior qualificação dos orientadores, nomeadamente no âmbito da supervisão através de programas de formação contínua organizados pela ESE de Setúbal;
- ? promover com maior regularidade a formação em contexto destinada aos orientadores e professores da rede de escolas cooperantes;
- ? promover um maior envolvimento dos orientadores na coordenação do curso, nomeadamente nos processos de desenvolvimento e avaliação do mesmo.

No âmbito do Currículo, são de salientar as seguintes necessidades:

- ? rever a concepção do 2º ano do curso.
- ? rever a concepção e organização das unidades curriculares de Educação Física e Artística I e II;
- ? rever a concepção e organização da área de Língua Portuguesa e das várias unidades curriculares que a compõem;
- ? dar mais visibilidade ao “modos” de governo das escolas e aos aspectos legislativos.

Relativamente ao pessoal docente, parcerias e recursos de apoio, é de salientar:

- ? a rentabilização dos projectos de investigação no curso;
- ? o envolvimento dos formandos nos projectos de investigação dos docentes;
- ? a rentabilização do trabalho desenvolvido em diferentes projectos quer no país quer fora, nomeadamente nos PALOP e em Timor Loro Sa`e. Neste campo há a salientar todo um percurso direccionado para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa em contextos em que esta não é a língua materna dos falantes;
- ? o incentivo a comunicações e publicações sobre diferentes vertentes do curso;
- ? o reforço de uma perspectiva multi/intercultural na formação dos docentes do curso que possibilite potencializar nas diferentes unidades curriculares;
- ? a articulação e comunicação entre os vários docentes, por ano, do curso e entre docentes de outros cursos de unidades curriculares similares;
- ? a articulação das UC com a Prática Pedagógica.

O Curso de licenciatura em Ensino Básico - 1º ciclo completou, pela primeira vez, no ano lectivo (2001-2002) a implementação do seu projecto de formação. Assim, o momento de realização deste relatório coincidiu com uma recomendação do Conselho Científico desta escola sobre a necessidade de avaliação do mesmo.

Nesta perspectiva, pretendemos continuar na procura de uma cultura de qualidade, melhorar a nossa relação com as escolas cooperantes, num processo de desenvolvimento nosso e das escolas envolvidas.

Relativamente à área científica da Língua deverá ser pensada uma melhor articulação ao longo dos quatro anos do curso. Contudo, no presente ano lectivo, a coordenadora do curso alertou o Departamento de Línguas para esta situação.

Relativamente ao 2º ano do curso, há que reflectir sobre a avaliação dos formandos. Apesar de ter sido o ano, onde se tem vindo a realizar um trabalho sistemático de articulação horizontal, surpreendeu-nos a avaliação que os formandos fizeram das UC.

Não sabemos se é por ser coincidente com o 1º momento em que estão em situação de estágio e se sentem “perdidos”, ou se porque não estão habituados a um processo de ensino em que as UC não lhes fornecem “receitas” mas sim tecem com eles a rede para os sustentar.

Um outro aspecto que os formandos do 2º ano referem é o tempo de Prática Pedagógica ser reduzido. Esta também é uma crítica apontada pelos docentes. O tempo reduzido foi identifica como um obstáculo para a realização de um trabalho mais consistente. Mas a solução, desta situação ultrapassa o curso e a instituição de formação..

Há situações a melhorar, relativamente ao relacionamento e ao apoio dado pelos orientadores, à articulação das UC com a Prática Pedagógica.

Uma outra dimensão que tem sido apontada como um dos pontos fracos do curso está directamente relacionado com o “governo” das escolas. Tanto os diplomados como os formandos afirmam que necessitavam de ter mais conhecimentos sobre administração escolar.

Como já referimos anteriormente estamos no momento-chave de reflexão sobre o trabalho que realizamos. Identificámos os pontos fortes e as fragilidades do nosso modelo de formação.

Desde o início desta instituição que tem sido delineado um percurso sustentado pela inovação e pela mudança efectiva das nossas práticas. Queremos continuá-lo numa procura de soluções para uma formação de professores de qualidade que tem necessariamente ser capaz de fazer a ponte entre a teoria e a prática, assim como entre a formação inicial e a formação contínua.